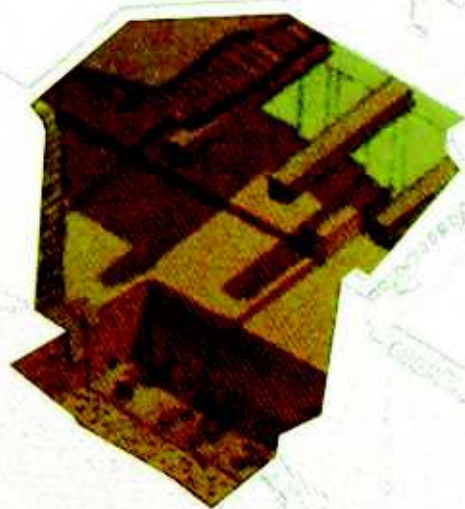


Terra:

Forma de Construir

Arquitectura . Antropologia . Arqueologia

10º Mesa-Redonda de Primavera



ARGUMENTUM

Escola Superior
GALLAECIA
ensino universitario

FICHA TÉCNICA DO SEMINÁRIO

TERRA: Forma de Construir

Arquitectura – Antropologia – Arqueologia

10ª Mesa-Redonda de Primavera

24 e 25 Março 2006 - Anfiteatro Nobre
Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Enquadramento

Sabe-se hoje que a forma de arquitectura mais universal, mais acessível a uma grande parte das populações, e provavelmente uma das mais antigas, pelo menos nas regiões onde as condições do meio o permitiam, foi e é aquela que utilizou e utiliza basicamente a terra, quer seja crua, quer cozida.

O barro e os materiais vegetais entrançados terão sido, juntamente com alguma pedra, formas elementares de estruturar um abrigo. Mas outros modos haveriam de ocorrer, quer os baseados na taipa (terra prensada dentro de cofragens), quer no adobe (unidades modulares secas ao sol), quer ainda no tabique (estruturas de madeira em engradado, preenchidas com barro). Todas essas formas de construir existiram em Portugal, e interessaram vários estudiosos, embora não tanto como se impunha, sobretudo num país onde as formas vernáculas de viver e de habitar tenderam a uma modernização muito rápida nas últimas décadas.

Nos últimos anos tem-se assistido a um grande incremento no interesse por estes estudos. Tal incremento nota-se inclusivamente em dois extremos (aparentemente) opostos: a consciência de que a arquitectura em terra é mais ecológica e menos dispendiosa, podendo produzir obras inovadoras de grande qualidade e conforto; e a noção de que muitos sítios arqueológicos, antes supostamente exemplos da construção em pedra (porque esta "ossatura" foi, em muitos casos, a que mais resistiu ao tempo) são afinal, numa tradição circum-mediterrânica muito antiga, sítios construídos com terra, sobre embasamentos de pedra.

A consciência de que temos aqui uma frente de pesquisa riquíssima, interdisciplinar, e que importa aprofundar para melhor conhecimento mútuo de um património que não é só milenário, mas que tem um largo futuro criativo a percorrer, leva a reunir-nos em mais uma "Mesa-Redonda de Primavera". Pretendem-se apresentar os resultados de reflexões e estudos, debater ideias, propor soluções (inclusivamente de investigação, conservação, restauro, e produção de novas obras) e reabilitar, de algum modo, uma realidade injustamente obscurecida. Fazer, em suma, futuro, a partir de uma das mais remotas tradições de habitar o mundo.

Organização

DCTP- Departamento de Ciências e Técnicas do Património
Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP)
<http://www.lettras.up.pt/dctp/>

ESG/Escola Superior Gallaecia (Vila Nova de Cerveira)
<http://www.esgallaecia.com>

Tema dos Painéis

SESSÃO 1: Contexto e Universalidade
SESSÃO 2: Antropologia e Arquitectura
SESSÃO 3: O Homem e a Natureza
SESSÃO 4: Pré e Proto-História
SESSÃO 5: Da Proto-História ao Período Clássico
SESSÃO 6: Período Islâmico

Coordenação Científica

Vítor Oliveira Jorge (DCTP-FLUP)
Mariana Correia (ESG/Escola Superior Gallaecia)
Goreti Ferreira de Sousa (ESG/Escola Superior Gallaecia)

Moderação das Sessões

Vítor Oliveira Jorge (DCTP-FLUP)
Mariana Correia (ESG/ Escola Superior Gallaecia)
Miguel Rocha (CdT - Associação Centro da Terra)
Maria Fernandes (CdT - Associação Centro da Terra)
Goreti Ferreira de Sousa (ESG/ Escola Superior Gallaecia)

Idiomas

Português e Espanhol

Secretaria

Raquel Sampaio
Sandra Carneiro

Design Gráfico

Teresa Correia

FICHA TÉCNICA DO LIVRO

TERRA: Forma de Construir

Arquitectura – Antropologia – Arqueologia

10ª Mesa-Redonda de Primavera

Direcção Editorial

Filipe Jorge

Coordenação da Edição

Mariana Correia (ESG/ Escola Superior Gallaecia)

Vítor Oliveira Jorge (DCTP-FLUP)

Coordenação Científica

Mariana Correia (ESG/Escola Superior Gallaecia)

Vítor Oliveira Jorge (DCTP-FLUP)

Goreti Ferreira de Sousa (ESG/Escola Superior Gallaecia)

Autores

Mariana Correia, Maria Fernandes, Miguel Rocha, Victor Mestre, Catarina Pereira, Pedro Prista, Eloy Algorri, Khalid El Harrouni, Mário Varela Gomes, Patrícia Bruno, Goreti Sousa, Maria de Jesus Sanches, Dulcineia Pinto, Gonçalo Leite Velho, Ana Margarida Vale, João Muralha Cardoso, Vítor Oliveira Jorge, Juana Font, Ricardo Morales, Santiago Macias, Rosa Varela Gomes, Fernando Vela Cossio.

Design Gráfico

Argumentum

Imagem da Capa

A partir de ilustração de Lessing - Magnum - Zardoya (Barcelona)
In: SUREDA, Joan (Dir.) (1994). *“Las primeras civilizaciones: Prehistoria, Egipto, Próximo Oriente”*. In Historia Universal del Arte, Barcelona, Editorial Planeta.

Ilustração dos Separadores

Maria João Lopes Fernandes

Paginação e Pré-impressão

JP_Produção

Impressão

SIG – Sociedade Industrial Gráfica

Depósito Legal

248729/06

ISBN

972-8479-44-1

1ª Edição - Outubro 2006

Apoio

DCTP – Departamento de Ciências e Técnicas do Património da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

CEAUCP – Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto (FCT).

Os artigos publicados expressam o ponto de vista dos autores e não reflectem necessariamente a opinião das instituições organizadoras do evento, assim como dos Editores.

Reservados todos os direitos. Reprodução proibida no todo ou em parte, por qualquer meio, sem autorização escrita dos Editores.

© ARGUMENTUM - Edições Estudos e Realizações

Rua Professor Queiroz Veloso, 2

1600-658 LISBOA

argumentum@ip.pt

www.argumentum.pt

© ESCOLA SUPERIOR GALLAECIA

Largo das Oliveiras

4920-275 VILA NOVA de CERVEIRA

esc.sup.gallaecia@mail.telepac.pt

ESTRUTURAS HABITACIONAIS NO ALENTEJO ISLÂMICO

Santiago Macias (arqueólogo)

Câmara Municipal de Mourão

E-mail: santiagomacias@sapo.pt

Introdução

Foi apenas numa fase adiantada dos trabalhos na alcáçova de Mértola, entre 1989/1990, que os dados referentes às casas do bairro islâmico começaram a ganhar corpo e a permitir a construção de hipóteses referentes à planimetria do conjunto habitacional, à organização interna das casas e mesmo ao que se refere à sua provável época de construção. Até essa altura, se não faltavam os vestígios de uma ocupação importante em época islâmica, a colecção cerâmica não era suficiente, para permitir uma interpretação de conjunto de um bairro para o qual se tinham apenas elementos dispersos: parte de um pátio, duas alcovas e algumas fossas de saneamento. A compreensão global do sítio durante o período islâmico teve que esperar até ao momento em que um importante conjunto de casas foi escavado.

A insuficiência informativa mergulhava fundo numa ausência de informação escrita, antiga ou recente. Os textos do período islâmico, para além de referirem fugazmente a cidade de Mértola, fazem-no sempre aludindo à importância estratégica do sítio ou à pujança das suas fortificações mas jamais adiantam qualquer dado sobre a vida da sua população ou sobre algum dado específico do urbanismo de Mértola. Tal insuficiência é prosseguida pelos textos cristãos Pós-Reconquista, sempre avaros a referências ao espaço intra-muros – exceptue-se a descrição do interior da mesquita feita em finais do século XV – bem como por uma documentação municipal muito tardia (posterior ao século XVII) e sem informações conhecidas susceptíveis de poderem iluminar o período de vida da cidade islâmica.

Técnicas construtivas do bairro da alcáçova

As formas de construir são sensivelmente as mesmas em todas as habitações, constituindo a característica mais marcante, o emprego de técnicas construtivas familiares a toda a área mediterrânica (como a taipa e o adobe) e cujo uso se prolongou praticamente até aos nossos dias, em particular nos territórios mais arcaicos da zona Sul de

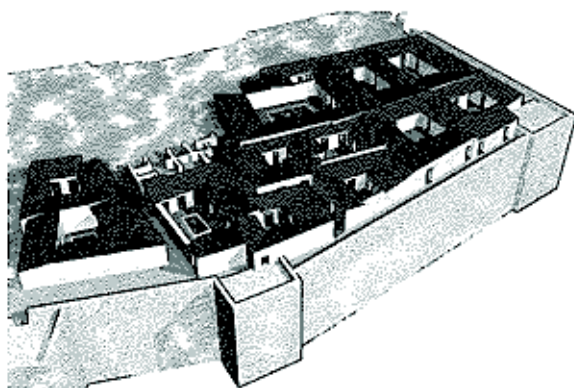
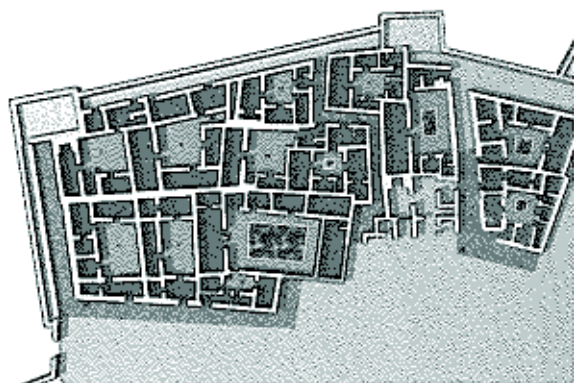
Portugal. Os materiais duráveis eram utilizados apenas nas obras do Estado, datando, quase sempre, os vestígios mais importantes de épocas posteriores ao século XI, quando as cidades se tornam centros de poder.

Não é claro, no caso de Mértola, se esses materiais chegavam à cidade por via fluvial ou se eram produzidos em zonas próximas - segundo Ibn Abdun, os fornos de tijolos e telhas localizavam-se, sem excepção, fora de portas¹ - ainda que pareça provável que alguns materiais de construção, de feitura menos sofisticada, possam ter sido fabricados nas imediações da cidade².

Os procedimentos na construção dos edifícios estão presentes, de forma dispersa, em vários textos. Embora nenhum se refira, como é evidente, a Mértola, não só o que neles se afirma é aplicável à cidade do Guadiana, como tais práticas se estenderam até à actualidade.

Determinava-se, por exemplo, nos tratados de *hisba*, que a medida das seiras para transporte de terra e de cal e o comprimento dos cordéis de esparto nunca deveria ser inferior a uma braça e um palmo. As medidas nem sempre eram rigorosas e para o próprio *cado* existiam várias bitolas. No caso do *qadi* não ter fixado essa medida em lugar público, as partes em desacordo podiam chamar uma terceira pessoa a fim de que o seu braço servisse de padrão³. O disposto nos tratados não seria tomado demasiado à letra pelas populações. A diferença entre a teorização dos problemas, a sua regulamentação escrita e aquilo que se passava na prática era, certamente, significativa.

O transporte dos materiais de construção fazia-se em dorso de burro, em artefactos feitos de cana ou em sacos de esparto. Estes animais carregados eram normalmente fonte de problemas, ao passarem por ruas um pouco mais estreitas⁴, razão que levava os legisladores a terem especial atenção, no sentido do transporte de materiais não perturbar os moradores desses sítios. O transporte de entulho e materiais de construção no dorso de mula é ainda o método utilizado nos bairros antigos de algumas vilas e cidades⁵.



Vários elementos de ordem técnica são de destacar. O primeiro tem a ver com a inexistência de fundações (ou pela sua extrema fragilidade) nas referidas casas⁷. As paredes das habitações de Mértola assentavam sobre um pequeno alicerce, erguendo-se os muros em alvenaria até uma altura de 0,50m. Isso é visível em particular no que se refere à casa I, melhor conservada, tendo tal facto sido também constatado na casa XIII, cujos muros foram removidos. Eram normalmente construídos com blocos de pedra unidos com uma argamassa de barro (o grande aparelho é a excepção, ao contrário do pequeno e médio aparelho, que predomina⁸). Sobre esta estrutura erguia-se o resto da casa, construída em taipa⁹, processo construtivo no qual a terra, devidamente preparada, era metida numa cofragem e depois pisoada até se obter uma consistência conveniente. Nas jambas e nalguns cunhais o remate era feito com o recurso a silhares ou tijoleiras. Os muros eram normalmente rebocados (encontra-se frequentemente na escavação um fino paramento de reboco de cal a cobrir os muros) e caiados interior e exteriormente. A necessidade de os proteger (e em especial no que diz respeito à taipa) da acção dos agentes atmosféricos, e particularmente da chuva, torna impossível que as casas não fossem caiadas.

Os tratados de *hisba* nem sempre esclarecem ou determinam, de modo taxativo, aquilo que deveria ser feito em termos construtivos, nos domínios tecnológico ou urbanístico. O tratado de Ibn Abdun, contemporâneo da construção do bairro de Mértola, determina apenas a largura das paredes-mestras das casas, as quais deveriam ser de dois palmos e meio (ou seja, o equivalente a cerca de 0,50m.)¹⁰. No caso das habitações de Mértola verifica-se que esta norma foi seguida sem variações dignas de nota. Essas paredes-mestras eram sempre (e pelo menos a avaliar pelos elementos de que dispomos) partilhadas por duas habitações, pelo que podemos afirmar que o costume da concepção das casas com "paredes-meias" era hábito generalizado. Conflitos decorrentes do uso partilhado dos muros não deviam ser

raros¹¹, embora no caso de Mértola seja difícil imaginar toda a multiplicidade de variáveis que constatamos nas casas de Tunis na primeira metade do século 8 H. /XIV d.C.¹².

As determinações são, nestes casos, mais de teor tecnológico ou de gestão: Ibn Abdun determinava a dimensão dos ladrilhos (de parede), os quais se deveriam adaptar à largura dos muros acima referidos. Os padrões, feitos em madeira dura - o tipo de madeira não é discriminado pelas fontes escritas -, estavam em poder do *muhtasib* ou pregados na mesquita-mor¹³.

As paredes da casa II, por exemplo, são idênticas a estruturas do mesmo género escavadas na alcáçova de Mértola: muros de pedra e barro com 0,45 ou 0,50m de largura, por vezes substituídos, no interior das habitações, por estreitas divisórias em adobe (0,20m de espessura). Este tipo de medidas pode ser considerado como padrão e foi utilizado em todo o al-Andalus nesse período¹⁴. Os adobes, raros noutras regiões, aparecem aqui com relativa regularidade.

Os adobes tinham, no período islâmico, uma clara marca de austeridade ou mesmo de uma certa pobreza. Conta-se que quando Abu I-fiAbbas Abd Allah b. Ibrahim b. Ahmad b. Muhammad b. al-Aglab subiu ao poder em 289/902, inaugurou uma administração justa, benéfica e liberal, não tendo querido morar no alcácer de seu pai. Comprou para sua morada uma casa construída com adobes¹⁵, num evidente símbolo de despojamento.

Os pavimentos

Os pavimentos das casas deste bairro, são um dos elementos que mais ajuda a caracterizar, do ponto de vista sócio-económico, os habitantes que aqui viveram. Em nenhum dos compartimentos identificados se verifica a existência de revestimentos luxuosos em mármore ou de azulejos, mais próprios de uma área palatina. Não se põe a hipótese de terem sido arrancados, uma vez que em todas as casas são visíveis, pelo menos parcialmente, os pavimentos originais.



Nalguns casos são ainda visíveis as marcas de um derradeiro arranjo no chão de alguns compartimentos. O pouco cuidado e escassa perfeição com que foram executados deixam antever um provável empobrecimento desta população ou uma situação de pré-abandono da cidade por parte dos seus habitantes.

Os pavimentos das diversas casas apresentam, por sua vez, alguma diferença entre si, podendo-se distinguir quatro tipos. Em termos globais são soluções semelhantes a outros contextos urbanos do Garb, contemporâneos de Mértola. Em Silves, por exemplo, a casa escavada tinha um pavimento de terra batida, argamassada com cal e areia, conservando alguns compartimentos restos de um revestimento com lajes de arenito vermelho¹⁶. Terra argilosa compactada foi usada na maior parte dos compartimentos do Castelo Velho de Alcoutim¹⁷.

Os salões principais tinham, quase sempre, um piso argamassado, solução que nunca se utilizava nos pátios, cozinhas e latrinas. A esta argamassa era adicionado um pouco de almagre, o que lhe conferia um ligeiro tom rosado. Os salões das casas foram pavimentados desta forma. As lajes de xisto eram utilizadas indistintamente em vários compartimentos, surgindo também a pavimentar pátios centrais¹⁸.

As tijoleiras eram a opção favorita para revestir os pátios (um dos sítios mais importantes no contexto da casa - é óbvio que a escolha da tijoleira tem a ver com o facto de se tratar de um compartimento descoberto e sujeito tanto à acção da chuva como dos raios solares), embora pudessem ser também utilizadas nos anexos das cozinhas¹⁹ ou até nas latrinas²⁰. A bitola usada em muitas casas deste período, e até na mesquita de Tinmal²¹, permaneceu até hoje na arquitectura tradicional da região.

Os ladrilhos encontrados nas casas I e II escapam à essa norma e têm medidas idênticas aos que se encontram junto ao *impluvium* da casa romana escavada em tempos sob a Câmara Municipal. Os ladrilhos das casas I e II

medem 0,28m x 0,23m, medida ainda assim inferior às constatadas em alguns pavimentos almóadas de Niebla (0,33m x 0,23m)²², o que se aproxima das verificadas no Castelo Velho de Alcoutim (entre 0,20m/0,25m de largura e 0,30m/0,35m de comprimento) ou no sítio rural de Vale do Boto²³. Parecendo-nos pouco provável que os ladrilhos dessas casas do bairro islâmico sejam, até pelo seu excelente estado de conservação, reaproveitamentos de construções romanas, não é impossível que estejamos na presença de produções tardias, prova da manutenção das mesmas bitolas ao longo dos tempos. O desgaste pouco visível destes ladrilhos - alguns deles presentes no pátio e expostos à acção dos agentes atmosféricos - leva-nos a duvidar que se trate de material romano.

Nada impede também, que os ladrilhos da casa romana correspondam a uma pavimentação tardia daquele espaço: os contextos arqueológicos do período islâmico ali identificados²⁴ testemunham uma ocupação prolongada. Por outro lado, as medidas destes ladrilhos são conhecidos desde o período romano, impedindo a apresentação de cronologias definitivas. São medidas apuradas, por exemplo, no edifício das termas de Carteia (finais do século I/inícios do século II d.C.)²⁵, na cela do santuário de Munigua (com cronologia idêntica)²⁶ ou no hipocausto das termas desta cidade²⁷.

Finalmente, mencione-se a omnipresente terra batida, usada em qualquer casa desta região praticamente até à actualidade. Parece ser a solução preferida para pavimentar as cozinhas ou até o salão de uma casa aparentemente mais pobre²⁸.

As coberturas

A cobertura das casas deste bairro obedecia aos princípios até há poucos anos utilizados na arquitectura tradicional da região. Dispunham-se primeiro os caibros em madeira, de modo transversal, para que um dos extremos assentasse na parede virada ao pátio e o outro, no muro exterior da casa. Em princípio, as paredes do interior da casa eram mais baixas que as exteriores.

Garantia-se assim a inclinação do telhado para dentro, o que permitia rentabilizar o armazenamento da água da chuva. Aconselhava-se, de modo explícito, que, quando necessário, se usasse de preferência madeira antiga na construção das casas²⁹. Sobre esses barroteiros eram de seguida alinhadas e pregadas as canas sobre as quais se dispunham finalmente as telhas (invariavelmente de canudo). Não é certo que tenha existido uma diferença de coberturas em açoteiras para as regiões do Sul e de telha para áreas setentrionais, uma vez que as telhas foram, nesta região, de uso generalizado³⁰.

Os telhados das casas eram, com toda a probabilidade, inclinados no sentido do interior dos pátios, embora noutras regiões os dados não pareçam tão evidentes³¹. Não só a legislação apontava nesse sentido, como, e isso parece-nos mais importante, a inclinação para dentro possibilitava um maior aproveitamento da água da chuva: al-fiUqb?nı considerava como "problema de urbanismo" as goteiras que vazavam para o exterior das casas³².

As traves eram a única parte do edifício em madeira, matéria-prima escassa nas regiões mediterrânicas. São bem conhecidas as dificuldades que se depararam aos conquistadores de Silves, quando tentaram incendiar a cidade após a sua tomada³³. Por outro lado, a prática de pilhagens era generalizada e dela há mesmo testemunhos escritos. Nos inícios do século XIV, os povoadores da região de Sevilha iam buscar "*ladriello e ripio*" a numerosas aldeias velhas para a construção das suas casas³⁴.

Os telhados das estruturas habitacionais escavadas na alcáçova de Mértola assemelham-se bastante entre si. De qualquer maneira é difícil conceber que as telhas de uma cobertura tenham todas a mesma cronologia. Era muito comum nestes telhados, a reutilização de materiais, que ia muitas vezes até à recuperação de *imbrices* de apreciáveis dimensões, facto que constatámos na cozinha da casa II³⁵.

O estabelecimento da cronologia das telhas, materiais de uso prolongado e que mantiveram, ao longo de séculos, as mesmas características e funções, não é tarefa fácil. O fabrico de telhas pode ser confirmado num sítio como Alcaria Longa, constatando-se que as telhas usadas no século XI não diferem das que se usaram na Antiguidade, ao contrário do que sucede no Levante, onde tal não está atestado³⁶. Aparentemente, e de acordo com o que temos observado na escavação, as telhas mais recentes - de cronologia almóada - são menos espessas e largas que os materiais de épocas mais antigas, nos quais parece ainda estar bem presente a tradição clássica de cobertura em *tegula* e *imbrice*.

São enquadráveis já no período islâmico as decorações sumárias que se identificam nas telhas, embora não haja consenso em relação ao momento em que tal prática se instituiu. James Boone situa o começo do hábito de imprimir marcas digitadas a partir do período tardo-romano ("o uso de desenhos digitados em forma de zig-zag começa no período tardo-romano, continua no período islâmico e cessa com a conquista cristã"³⁷).

Notas

1 García Gómez, 1981: 113.

2 Boone, 1991b

3 Sarq - cövado ma'muni de 0,47 m. nas construções islâmicas e em torno de 0,51 m. nas mudéjares, estando estas últimas mais perto do cövado rassassi - Bazzana, 1992a: 99-100; nos sítios de Salir e Vale do Boto - 0,47 m - Catarino, 1997-1998b: 721-722

4 Talbi, 1954: 299

5 Talbi, 1954: 297

6 Pude ainda observá-lo em Mértola, em 1993, e no Albaicin, em Granada, em Novembro de 1994

7 Bazzana, 1992a: 92

8 Bazzana, 1992a: 67

9 O uso da taipa foi generalizado - vejam-se os exemplos das construções dos períodos almorávida e almóada de Vale do Boto e de Salir - Catarino, 1997-1998b: 716

10 García Gómez, 1981: 112

11 A legislação é bastante precisa e detalhada a este respeito - Ibn al-Imm, 1900: 121-128

12 Van Staëvel, 2001: 635 e 644

13 García Gómez, 1981: 113

14 Catarino, 1992: 17

15 Al-Nuwayri, 1918: 15

16 Gomes, 1988: 51

17 Catarino, 1997-1998a: 347

18 Maisons VIII, IX, XI et XIII

19 Casa I/2

20 Casa I/4

21 0,28 x 0,13 x 0,04 - Basset, 1932: 41 (nota 2). Ladrilhos da casa almóada de Niebla - 0,28 m. x 0,135 m. x 0,04 m. - Beltrán Pinzón, s.d.: 2

22 Beltrán Pinzón, s.d.: 3

23 Catarino, 1997-1998a: 347-348

24 Materiais inéditos

25 28-29,5 x 21-22 x 5,5-6,5 - Roldán Gómez, 1999: 185

26 29 x 23-24 x 4 - Roldán Gómez, 1999: 196

27 28 x 23 x 5,5 - Roldán Gómez, 1999: 198

28 Casa III/6

29 Ibn al-fiAwwm, 1802: 389

30 Marques, 1987: 65

31 Bazzana, 1992a: 103

32 Talbi, 1954: 296

33 Marques, 1987: 66

34 Gonzalez Jimenez, 1990: 114

35 C. II/4

36 Bazzana, 1992a: 85

37 Boone, 2001: 112-113